

PM termina show dos Racionais MCs no centro de São Paulo

Bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral fazem grupo de rap encerrar o show com apenas 25 minutos de duração durante a Virada Cultural de São Paulo. Demais shows aconteceram sem maiores problemas

Por Marcos Lauro - marcoshlauro@uol.com.br

A PREFEITURA E O Governo do Estado organizaram a terceira edição da Virada Cultural, evento que reúne artistas das mais diferentes vertentes, em mais de sessenta locais espalhados pela cidade. Em sua edição de 2006, a Virada conseguiu reunir cerca de 1,5 milhão de pessoas, com um número de atrações e palcos bem menor. Vale lembrar que esta Virada aconteceu justamente na semana dos ataques de uma facção criminosa à cidade, o que poderia ter sido um fator determinante para o seu fracasso. Portanto, neste ano a Virada tinha tudo para bombar. Os shows começaram às 18h do sábado, 5/5, e tiveram o seu encerramento às 18h de domingo, 6/5.

Minha Virada Cultural começou às 17h40, quando cheguei à passagem subterrânea que há na Rua da Consolação, na esquina com a Av. Paulista. Essa passagem era obrigatoriamente utilizada antes da criação do corredor de ônibus Consolação/Rebouças/Francisco Morato, que propiciou a criação de uma faixa de pedestres no local. A passagem, então, ficou totalmente abandonada por uns tempos e serviu como um albergue improvisado pelos moradores de rua da região. Até que

a Associação Via Libris de Livreiros passou a cuidar do local, apoiada pela prefeitura. Montou-se uma livraria de novos e usados e um espaço para exposições itinerantes, além de um palco improvisado para shows. Na Virada Cultural, a banda Artefato M.O.S.H. ficou responsável por abrir a programação e fez um

Amanhã e Depois” e fazia o público, já em grande número, tirar o pé do chão. Anunciando clássicos da sua carreira, ainda com Chico Science, como “músicas novas, que foram parar na internet a gente não sabe como”, a banda surpreendia o público, que pulava ainda mais quando percebia que a tal “músi-

os Racionais gostam de encher o palco de atrações antes da sua apresentação. Rosana Bronx, DJ CIA e o chamado pai do jazz rap, DJ Premier foram alguns dos convidados.

Enquanto o rap ia rolando solto, conversei com o senador Eduardo Suplicy, notório fã dos Racionais e defensor das causas das

periferias. Suplicy disse que, apesar de cansado por ter trabalhado muito no dia anterior, veio conferir o show dos amigos e que voltaria para casa logo depois para continuar o trabalho. Perguntei se teria pique para agüentar até às 7h da manhã, previsão informada pela produção para o término do show. Resposta: “Acho que



Palco da Praça da Sé preparado para os shows da Virada Cultural

show que animou os transeuntes que passavam pelo local. Mais duas bandas de jazz e uma de MPB garantiram o som até, pelo menos, 2h da manhã. Horário excepcional, já que a passagem fica aberta somente até às 22h, diariamente.

Exatamente à meia-noite, já no dia 6/5, cheguei à Praça da Sé, que já havia recebido o show do Alceu Valença e do Peter Tosh, o filho do vice-Deus do reggae, Peter Tosh. Nação Zumbi estava em sua primeira música “Hoje,

ca nova” era, na verdade, “Manguetown”.

Mas a grande expectativa estava marcada para às 3h da manhã. Racionais MCs e convidados fariam um dos shows mais aguardados de toda a programação. Com ressalvas, porque a união das palavras “Racionais”, “3h da manhã” e “Praça da Sé” já convidava os mais cautelosos (ou preconceituosos?) a ficarem em casa ou em qualquer outro lugar bem longe dali. Como faz normalmente em seus shows,

não, estou realmente cansado”.

KL Jay, o DJ dos Racionais, já chegou elogiando o evento: “A cidade devia ser sempre assim, com eventos, metrô funcionando 24h e agito”. Ele acha que um show dos Racionais no marco zero de São Paulo só serve para fortalecer ainda mais o movimento hip-hop e as periferias. E surpreendendo a reportagem, disse também que gostaria de ver ainda o show da banda Premeditando o Breque,



Às 4h30 da manhã, os Racionais MCs entram no palco da Sé

banda pertencente ao movimento conhecido com “Lira Paulistana”, que estava programada para tocar ao meio-dia de domingo, no palco do Anhangabaú.

Enfim, por volta de 4h30 da manhã, entra em campo o time dos Racionais. Além de KL Jay, Edi Rock, Ice Blue e Mano Brown, uma verdadeira legião de minas e manos seguidores do quarteto ficam no palco, fazendo figuração e cantando todas as músicas, sem perder um verso sequer.

Apesar do grande número de invasores na pequena área de imprensa, o show transcorria sem nenhum problema, até a sua primeira pausa. Mano Brown, ao ver uma correria no meio da multidão, pára o som e pede calma. Pede paz. Pede o protesto utilizando a inteligência e não a força. O show continua.

Segunda pausa. Mano Brown pára novamente o som ao perceber que policiais começaram a entrar em confronto com o público na esquina da Praça da Sé com a Rua Benjamin Constant. As primeiras bombas de gás lacrimogêneo e efeito moral começam a ser ouvidas. Com a palavra, Mano Brown: “Não vamos responder com violência. Vamos, sim, bater palmas para a polícia”. Pedido atendido.

Ouvem-se as palmas, fortes. Ouvem-se também as bombas e, agora, tiros para o alto. O Batalhão de Choque foi chamado.

No máximo do desespero, o público acabou com as divisórias de metal que existiam entre o povo e a imprensa. O número de invasores, que já era grande, se multiplicou. Os Racionais MCs e seus figurantes se colocam à frente do palco, ainda com o microfone ligado. Mano Brown decide por encerrar o show e pede para que todos vão para suas casas em paz. Lá de cima, ele deve ter tido uma visão panorâmica da guerra campal

que já se instalava. Agora, os tímpanos não vibravam mais com os sons graves do rap, mas sim com o estampido das bombas, que estouravam cada vez mais perto do palco.

A guerra, em pleno marco-zero de São Paulo, durou uma interminável hora e mais alguns tensos minutos. O Senador Eduardo Suplicy se colocou entre o Choque e o público, para tentar acabar com a violência, que nesse momento era monopólio da polícia. Em vão. Foi afastado por um policial, que o puxou pelo braço e deve ter dito: “Meu senhor, vá para casa. O senhor deve estar can-

sado...”! Nesse momento, uma amiga que resolveu se refugiar no Metrô viu a polícia invadir a estação. Bombas pipocavam lá dentro também.

Uma falsa calma se instalou na Praça da Sé. Sirenes e bombas podiam ser ouvidas das ruas próximas. A onda de violência se espalhou como um tsunami por todo o centro velho, fazendo com que a direção da Virada Cultural suspendesse a programação dos outros palcos, por motivos de segurança. O palco mais próximo da Sé, na verdade uma mini-rave de Tecno na rua XV de Novembro, logo foi atingido pelo público que corria da polícia. O da Rua Direita, de Psy Trance, também ouviu de perto as bombas e sentiu a resistente borraça da PM.

Felipe Peçanha, estudante de comunicação, chegou ao palco da Sé por volta das 21h e estava inconformado com a violência. Segundo ele, outros locais também tiveram problemas. “No show do Tom Zé, no Parque Veredas, estavam barrando as pessoas indiscriminadamente, mesmo com lugares vazios na platéia. Eu mesmo, não



A onda de destruição partiu da Praça da Sé e atingiu as ruas transversais da XV de Novembro, no centro velho de São Paulo



Os Beatles 4Ever conseguiram levantar o público presente na rua Barão de Itapetininga às 7h da manhã. Pareciam até os caras de Liverpool de verdade...

consegui entrar”, informou o estudante.

Outros espectadores reclamavam do tratamento recebido pela polícia. “Acho que ninguém esperava tanta gente para o show dos Racionais. A periferia compareceu em peso e deixou os policiais com medo”, disse um, numa roda de debates. Aliás, várias se formaram depois do fim das bombas, com as pessoas tentando entender o que havia acontecido ali, minutos atrás.

As versões de como começou a confusão também se espalharam. A oficial, fornecida pela PM: Policiais que tentavam fazer com que um grupo de pessoas descesse do teto de uma banca de jornal foram recebidos com garrafas e pedras. Ataques às bases da PM, instaladas na Praça, também foram relatados pelos policiais. Já os poucos que permaneceram no local, reclamavam da truculência da polícia. Segundo eles, uma força desproporcional foi utilizada no evento, por desespero dos policiais, que não souberam controlar a situação. Parte da imprensa já noticiava que o público ficara revoltado com

o atraso da entrada dos Racionais MCs no palco, o que, sinceramente, não percebi. Um funcionário da organização do evento, não identificado, jurou que viu um PM debandar, assustado com o que estava acontecendo.

Fui conferir os outros palcos. Andando à pé pelo centro velho, o cenário era completamente desolador. Destruição por todas as partes e todos os palcos silenciosos. Bancas de jornal sendo saqueadas, vasos ornamentais, característicos dos calçadões do centro velho, derrubados e quebrados, espalhando terra e plantas pelo chão. Sirenes de polícias e bombeiros cortavam o ar.

Cheguei ao palco do Anhangabaú por volta de 6h40. Também silencioso. Marcos Bowie, vocalista da banda Karnak, programada para tocar às 8h, já se preparava para ir embora. “Talvez a programação volte ao normal somente às 10h. Já avisei aos outros integrantes da banda para não virem, pois o show foi cancelado”, informou o cantor, que ainda ficou por um tempo no camarim. Estavam por lá Skowa, que havia tocado com a sua

banda, Skowa e a Máfia naquele mesmo palco, James Muller, percussionista do Karnak e alguns integrantes da banda-febre do momento, O Teatro Mágico.

Após sair do palco do Anhangabaú, triste pelos acontecimentos, vejo que nem tudo no centro estava perdido. No Teatro Municipal, a Central Scrutinizer Band tocava o álbum de 1973 do Frank Zappa, “Overnight Sensation”. Seguindo pela Rua Barão de Itapetininga, sentido Praça da República, a The Beatles 4Ever tocava o “A Magical Mystery Tour”, disco de 1964 dos Beatles. Então, resolvi encerrar a minha cobertura da Virada Cultural cedo, às 7h15 da manhã do domingo, para deixar gravada na memória a energizante “Twist and Shout”, cantada em uníssono pela platéia que acompanhava os Beatles cover como se fossem os de Liverpool. Bem melhor esses sons do que os estampidos de horas atrás.

No domingo, o prefeito Gilberto Kassab disse que a guerra campal foi um fato “isolado e único”. Sim, senhor Kassab. Foi um fato único, que se espalhou por praticamente todo o cen-

tro velho da cidade. Fato único, mas com uma área de alcance muito grande. Basta perguntar aos comerciantes e donos de veículos que estavam estacionados nas ruas próximas.

O saldo, em números, foi positivo. Cerca de 3,5 milhões de pessoas compareceram aos mais de 60 pontos de espetáculos para ver as mais de 350 atrações, mesmo com o incidente “isolado e único”.

A causa de toda essa confusão é muito difícil de ser identificada. Excesso de confiança por parte da organização, que criou a perigosa fórmula Racionais MCs+3h da manhã+Praça da Sé? Falta de civilidade por parte do público? Excesso de violência por parte da polícia militar? Acredito que um somatório dessas forças foi o que deixou a cidade de São Paulo ouvindo tiros e explosões durante algumas horas em sua região central.

A Virada Cultura 2008 já está marcada: 26 e 27 de abril de 2008. Se os Racionais MCs devem ser convidados novamente? Sim, devem. Mas em um local e horário mais propício para a sua apresentação.